

# O PACAJÁ

JORNAL LITTERARIO, RECREATIVO E NOTICIOSO.

REDACTOR — JUVITA DUARTE SILVA.

ANNO I.

DOMINGO 21 DE SETEMBRO DE 1862.

N. 20.

## A ESPIA OU O SEGREDO DOS CARBONARIOS.

POR  
FREDERIC SOULLIÉ

( Conclusão. )

Imediatamente foi á casa da condessa : esta estava enfeitada, bella, encantadora. Elle appareceu diante della pallido e desfeito ; ella lhe perguntou a causa ; elle lhe contou tudo o que acabava de passar-se. A condessa o escutou sem lhe dizer cousa alguma ; reflectio por muito tempo depois que elle acabou de fallar, por fim dirigio-lhe a palavra :

—Todas essas ameaças são talvez fingidas, mas, cautelas não serão inuteis. Escrevei duas palavras ao prefeito de policia. Eu tambem vou escrever. Não me dissestes que Spaffa devia ir esta noite á vossa casa ? Basta isso, eu me encarrego de tudo.

Pegou em huma penna e escreveu longamente : Faviani fez o mesmo. Pedio-lhe a sua carta e leu-a, sem lhe communicar a que escrevera. Sahio do seu quarto para as entregar ella mesma a hum criado, e em pouco estavam ambos na festa da embaixada.

Apesar da degradação a que Faviani tinha desido passo a passo, tinha sido singularmente convencido pelas explicações terriveis dessa noite ; esteve triste entre o prazer universal, e sentio bem cedo necessidade de fugir a toda essa gente. Tomou o caminho de sua casa, subio ao seu quarto, tocou, ninguem lhe veio abrir ; tocou com mais violencia, ainda ninguem respondeu. Lembrou-lhe que Fiavilla teria fugido ; quebrou a corda da campainha, bateu. Ao bater encontrou a chave ; sentio-se consolado como de hum remorso, porque a maneira por que deixara sua mulher lhe tinha vindo á lembrança, e pela primeira vez tinha sentido que tinha sido sem compaixão para ella. Entra, atravessa muitas peças, e chega ao quarto de Fiavilla : abriu hum espectáculo terrivel se lhe offereceu á vista. A marqueza estava estendida sobre seu leito, ao lado do leito huma mesa, sobre essa mesa huma garrafa vasia ; aos pés do leito Jaffarino em oração, á cabeceira huma luz que ardia só : deu hum grito, e se atirou ao fundo do quarto.

—Está morta ! . . . gritou elle.

—Morta, disse Jaffarino.

—Morta ! repetio Faviani, morta ! . . . morta ! . . .

—Envenenada, disse surdamente Jaffarino.

Faviani ficou immovel e aterrado em frente desse cadáver ; só seus dentes batião, e de tempos a tempos hum som rouco e convulsivo sahia de seu peito : por fim chorou, suas lagrimas desfizerão esse aperto cruel, que por hum momento tinha anniquillado suas idéas e compimido suas palavras dentro de si mesmo ; chorava, e pôde deixar escapar algumas palavras :

—Spaffa, disse elle, Spaffa veio ?...

—Veio, respondeu Jaffarino, deixou-me esta carta para vós.

Faviani pegou nella. Não era de letra do terrivel carbonario, nem tinha o nome de Faviani ; era de letra da condessa, e era dirigida a Spaffa. Abrio-a sem se admirar, leu-a á luz da vela que ardia á cabeceira, leu-a em alta voz, como para se obrigado a ouvi-la e comprehender-lhe o sentido. Eis aqui o que dizia :

« Agora Spaffa acabou-se : minha vingança está concluida. Lembras-te do dia em que me deixaste, do dia em que, despresando o amor furioso que me tinhas inspirado, atiraste teu coração á filha de Pellico, que nem percebeu o teu amor ? Nesse dia eu te jurei que me vingaria de ti e della. Nem a ti nem a ella não podia chegar-vos, mas vivias de sua ventura, mas ella tinha posto sua ventura no amor de hum outro ; foi esse outro que eu procurei para chegar a vós ambos, foi a Faviani. Tu sabes muito bem, Spaffa, que Octavia não se teria vendido á politica infame de hum ministro, se essa politica não estivesse de accordo com a sua vingança. Assim, em quanto eu degradava dia por dia o idolo da Italia para a politica de seus senhores, degradava para minha vingança o idolo de Fiavilla. Cada vileza, cada infamia de Faviani, ia ferir o coração de sua miseravel esposa ; cada golpe que ella recebia retinha no teu. A luta foi longa, hoje está acabada. Faviani assignou a ultima prova de sua abjecção denunciando-te elle mesmo. Eu completo o acto de minha vingança, advertindo-te e salvando-te a vida. Quanto a Faviani, eu o restituo a sua Fiavilla. Agora nada mais lhe invejo, podes dizer-lh'o.

Esta carta estava assignada :—Octavia.—Esta carta seccou as lagrimas nos olhos de Faviani, seccou sua garganta e sua lingua ; não podia mais fallar quando a acabou. Por hum momento ficou tão inteiramente abatido, que se virava ora de hum lado ora do outro, como faria hum louco, olhando sem nada ver, com os cabellos herrissado e os labios pendentes : teria podido morrer assim, mas hum objecto o chamou a toda a sua dor ; foi o cadaver de sua mulher, sobre o qual por hum momento fitou seus olhos. Imediatamente toda essa contracção que o endurecia dos pés até a cabeça, e o tinha em pé, se dissipou repentinamente, e cahio de joelhos junto do leito, gritando :

—Morta ! . . . morta ! . . . morta ! . . .

Jaffarino olhava para elle com piedade : deixou-o chorar por muito tempo, depois vio-o levantar-se com huma feroz expressão.

Jaffarino, exclamou elle, foi Spaffa que a matou ?

—O veneno não era para ella.

—Sem duvida, disse Faviani, mas elle lhe disse que era para mim.

—Mas ella o não deixou chegar até a vós, disse Jaffarino.

—He certo, disse Faviani, morreu para me salvar, morreu!

—Faltou ao seu dever.

—Pois bem : se ella faltou, disse Faviani com furor, por que razão Spaffa não está aqui? o infame que lhe disse :—Depois de vos eu...

—Elle não está aqui, disse Jaffarino, porque elle tambem disse:—Depois de mim hum outro. Este outro he Jaffarino.

E repentinamente ferio o coração de Faviani com huma punhalada.

Nunca mais se ouviu fallar de Spaffa nem de Jaffarino, mas Octavia, tendo passado a Inglaterra,ahi foi presa algum tempo depois pela policia, e remetida para Botany Bay, apesar de suas reclamações na embaixada de Napoles, que a abandonou á justiça ingleza, e a vingança de Lady Lawton, que lhe devia tambem a morte de seu desgraçado filho.

FIM.

## Pedro e seu amo.

--Ah! Pedro, Pedro moleque de uma figa!

O que foi você fazer? Que diabo de aranzel ou embroglio arranjou você?

--O que nhonhô?

--O q', dice você á aquelle môço de chapéo alto de chile que elle tanto se encrespou?

--A quem nhonhô? ao Senr. Zé de Christo?

--Sim, sim, demonio.

--Oh! nhonhô, eu juro pela *canella de Santo Amaro*. Eu nada dice que lhe pudesse offender.

Quando nhonhô mandou que eu fosse ao club pandigueiro, encontrei Senr. Zé de Christo que era mesmo um Christo no bilhar, e quiz dizer o que nhonhô mandou; porem elle ficou logo tão azafamado, nhonhô tão encarnado que era mesmo um camarão e levantando-le *parapluie* quiz dar-me uma *cajadada*; mas nhonhô sabe que Pedro é bom capoeira, e que o *geito do corpo é o pé*, pulou logo fera da liça.

--E porque ficou elle tão zangado Pedro?

--Eu não sei, nhonhô. Sei que ficou a emenda peor que o soneto, e eu agora não saio da pista do tal Sr. Zé de Christo.

Ah! nhonhô, se visse como o menino ficou *enthusiasmado*! Era bonito de ver! Quando S. Zé de Christo ergueo a mão, quiz fazel-o como se faz as crianças: arriar-lhe os cueiros e dar-lhe quatro *palmas*;

mas tive receio que o menino ficasses *fadá* comigo, então dei á *gambia* gritando « não se bote a perder! » e dei um assobio-pió!

--Nhonhô não acha que a quella *criança* é um perfeito-Garibaldino? Olhe eu quasi disse a elle; *Snr. Zé*, nos Eslados unidos agora precisa-se muito de gente forte e *valente*; e no rinhideiro do Senr, José Manoel se faz *filé*!

--Cale essa boca, Pedro, estlou *encomodado* com você: logo na sua estréa causou tanto furor.

--*Et moi aussi, nhonhô je suis bien faché avec Mr Christe*, foi elle que *esparrou* tudo, esse *Roldão* de nova especie....

E acredite nhonhô, que ignoro donde vem tanta *rodomontade*. Ainda estou em duvida nhonhô, não sei que entendeu o nosso Zé Sansão e por ignorar o mal que lhe causei, quiz exclamar como Eduardo III quando apanhou a luva da condeça de Sallisburry: « *On y soit qui mal y pense!!* »

Já lhe dice, Pedro, cale essa boca. E para que Senr Zé de Christo não se esponha a algum espectáculo, (alem do que já tem dado) va lá, dê-lhe uma pitada do seu *cangica*, e solte uma tremenda gargalhada bem *amarella*.

--Muito bom nhonhô, eu vou e se elle quizer dar-me com a thezoura do Senr. Chico das moças, eu digo-lhe com o ar afrancezado do Senr. Chico: *venez Monsieur, moi, je suis ici!*

--Não acha bom, nhonhô?

--Optimo, porem acautele-se de alguma cabeçada.

--Deixe estar nhonhô, não ha duvida Pedro entende da *trica*.

--O'nhonhô, sabe de uma couza? Uma novidade?

--Não.

--Pois fique sabendo que eu endaguei o motivo porque a *União* não deu baile no dia 7 de Setembro.

--E qual o motivo de um tão grande acontecimento?

--Oh! nhonhô, é até medonho de dizer-se: arrepiá a carne.

--Falle, moleque, *desembuxe*.

--Nhonhô, a *União* foi acommettida de *Bexiga*, nhonhô!!..

--Que está você disendo Pedro, pois a bixiga atacou a tanta gente?

--Não nhonhô, a caza do baile está occupada com bexigentos e *puph!* não tem casa para dar baile! A *união*, nhonhô, faz-me lembrar aquelle negro que dizia: eu sou *bexiguento* e vendo *bexigas a trez por hum vintem!* Ah!.. Ah!.. Ah!.....

--E soube você quando é a partida deste mez?

--Não, nhonhô; mas os *meninos da candinha* me disserão, que os *unidos* querem denovo se *unir* em outra caza que pertendem arranjar; e eu estou vendo, pelo geito que o *carro* leva --*partida nicklés.*

Nhonho Pedro quer fazer uma pergunta a Nhonho.

--O que deseja?

--Nhonho não me dirá como é que trazendo os cartões da *União* no verso uma prohibição a crianças menores de 10 annos, vai sempre aos bailes um menino pequenino que *atrapalha* a gente e quer brigar com Pedro por não consentir elle metter as mãos nas bandeijas de doce quando Pedro está servindo as moças, tornando-se assim *empertinente*, e encomodando a Pedro que faz garbeo em ser bom copeiro? Não medira como se faz excepção n'uma regra que devia ser geral?

--Já lhe digo *Pedro*, isso é uma daquellas couzas que entre nós chamamos *abuzo*.

--Ah! *sim, sim*, já entendo nhonho.

--E o que tem você mais para contar, Pedro?

--Muitas *couzinhas* nhonho; fui ao theatro, e lá fiz meus *rapapés*.

--E no seu passeio nada *vio* digno de menção?

--Eu vi nhonho; á noite quando vinha para caza encontrei muita gente de *lampeãozinho* á laia de *sereno* de Monte Vidéo. Encontrei a quelle moço moreno, que faz versos, tambem com seu *lampeão* assemelhando-se á *Diogenes*, caminhava pela praça a cima com aquelle moço que usa barba serrada e oculos *enfumaçados* que é seu amigo inseparavel: demaneira nhonho que as *finanças actuâes* do paiz, fizerão com q' isso tornasse-se geral, methamorphozeando a gente em *frade* de *lampeões*; por isso nho-

nhonho terá de comprar uma lanterna dessas para *Pedro*.

--Não tem lugar, pode alguém persuadir-se que você quer imitar aos moços da moda que usão *lampeão!*

--Conte-me, o que mais vio?

--Eu vi uma couza nhonho!

--Diga la de uma vez.

--Olhe nhonho, sabe aquella caza que mórou ou móra o *tio Manoel da illuminação*, lá para o lado do *theatro novo?*

--Sim, sim.

--Pois, nhonho, nessa caza, no domingo, houve jantar e passou o dia nesse *cortiço*, aquelle moço bonito, de barba loura: o nhonho conhece elle. Hi! nhonho, que espectáculo *magnifique!* lá do alto no *Mato grosso*, eu vi o *diabo a quatro* e *mosquitos por cordas*, nhonho.

--Pois bem vá procural-o, e pessa para não continuar, com o que você vio e sabe, para que elle não caia noutra, pois eu não desejo que você seja testemunha de *couzas* que não deve ver.

Depois, Pedro, vá a rua do princepe, desmanche aquella *roda* de gente de sua cor que nos domingos costumão ajuntar-se e pessa para que não continue porque pode os *flantes* (como chama Victor Hugo nos *miseraveis*) darem com elles no *Xilindró* por causa do jogo do *buzio*.

Bom, nhonho, fica tudo a meu cuidado.

--Não se esqueça do que tenho-lhe recommendado, vá dar os recados que lhe diçe, e ouça com toda attenção as *criticas* desses *violas*, e não me saia da *pista* desses *marrecos*; enfim arranje-se lá *como quem não quer a couza*, e depois volte a narrar esses *pormenores*, não se esquecendo da mais *pequenina* couza.

--Inutil nhonho, é me recommendar, porque Pedro não se esquece do que vê ou ouve, e não è de capa *encoirada* nem serve de capa para esses *meninos*. Eu já vou sem demora alguma para esta importante commissão, onde julgo que sirvo com toda actividade e zelo.

Bom, nhonho, eu parto já a cumprir com meus deveres: isto é de andar metendo meu respeitavel *nariz* onde não sou chamado, e onde se póde passar sem elle.

*Pedro e seu amo.*

PENSAMENTOS.

As mulheres são como as espadas ; ás vezes a bainha é d'ouro e esmalete e a folha è ferrugenta.

*Alvares de Azevedo.*

E' mais custoso encontrar um velho sem avareza, do que um mancebo que não seja nem amoroso nem libertino.

*Mme. d'Arconville.*

A cabeça de uma mulher está sempre sobre a influencia de seu coração , mas o coração do homem quantas vezes se rege pela cabeça ?

*Lady Blessington.*

**POESIA.**  
**Porque ?**

Quando vai alta, meiga fada a noite  
E a lua quebra sua sombra densa  
Que fases tu , ó linda virgem, asós  
Fitando os olhos na amplidão immensa ?

Porque reclinas a mimosa fronte  
De tanta graça, de belleza cheia;  
Porque tu scismas , minha virgem, triste  
Olhando a lua que no céu vagueia ?

Acaso o peito te consome a dor ?  
Tristes pezares tua alma agitam  
Oh ! diz-me, virgem, porque scismas triste  
Porque teus olhos lá no céu se fitam ?

Anjo do céu ao mundo comdenado  
Saudoso olha sua patria vera,  
Oh ! não nos deixes que te amo.... é cedo  
Vive comnosco meu anjinho...espera.

Como es formosa em teu scismar aereó !  
Vaporosa virgem , peregrina fada !  
Eu dou-te a vida, minh'alma é tua  
Oh ! volve os olhos para a terra, amada.

Desterro 17 de Setembro.

*Tavijú.*

**Variedades.**

Um viuvo mostrava a um seu amigo uma casa de campo que possuia , e apontando para uma arvore que tinha, lhe disse : « Naquelle arvore se enforcaram as tres mulheres com quem tenho sido casado. » Ao que respondeu o outro : « Pois então , dê-me um pesinho para eu plantar em casa. »

Um individuo extremamente afeiçoado a observações astronomicas , faz as seguintes :

« Quando aos namorados tudo parece bem e procuram as occasiões da se verem , quando não sabem o que hão de dizer , achando-se elle em frente della : è lua nova.

« Quando se trocam as cartas e os sorrisos e se procura ver a mulher amada no theatro ou no passeio , è quatro crescente.

« Quando ha queixas , se manifestam zelos e se fazem juramentos de constancia , è lua cheia.

« Quando se pedem os retratos , se fazem pretestos de fidelidade , e se dão satisfações : è quatro mingoante.

« A's vezes à quarta phase , se segue outra , chamado lua de mel , cuja duração não costuma ser maior de 15 dias.

Porque razão , perguntaram um dia a Milton , pôde um rei cingir a corôa aos quatorze annos em certos paizes , e por que não dôde casar-se senão aos dezoito ?

« Porque é mais fácil , respondeu o poe'a, governar um reino do que a mulher. »

**CHARADAS.**

Porção d'um todo sou as vezes charo : 2  
D'ouro já fui tambem, mas fabuloso : 2

CONCEITO.

Em mim descança o orguo dos sentidos,  
O pensador, o amante, o desditoso...

Do ente propriedade..... 1  
Mas inda a accrescenta,  
Ardo bem sem ser pimenta  
E de mim necessidade } 2  
Tem tod'o bom cosinheiro. }

CONCEITO.

Santuário verdadeiro  
Das graças, da formosura !  
Um só mortal as desfructa !  
O mortal, quanta ventura!

A decifração do Enygma pittoresco do n.  
19 é-Muitas vezes uma grande mentira  
contem uma pequena verdade.

**Topographia Catharinense**

de Germano Antonio Maria Avelim. Rua Augusta  
N.23.—1862.